

## **EXPERIÊNCIA E INTERSUBJETIVIDADE NA PRÁTICA DO *CROSSFIT*: PROCESSOS COMUNICATIVOS E ESTÉTICOS**

Fábio Fonseca de Castro<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

Rebecca dos Santos Lima<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** O artigo discute os processos comunicativos e intersubjetivos presentes em um box de CrossFit - prática esportiva que vem ganhando cada vez mais adeptos no Brasil - localizado em Belém, Pará. A partir de uma etnografia de dez meses de duração buscou-se compreender as socialidades produzida em torno da prática esportiva, observando, centralmente, sua dinâmica interacional, os processos de tipificação e a partilha de um horizonte estético comum. Busca-se um diálogo entre Comunicação, fenomenologia e etnografia, compreendendo que as relações sociais observadas constituem, estruturalmente, fenômenos comunicativos, presentes na vida social por meio de tipificações de valores e de compreensões da realidade.

**Palavras-chave:** Intersubjetividade. Tipificação. CrossFit.

### **Experience and intersubjectivity in crossfit practice: communicative and aesthetic processes**

**Abstract:** The article discusses the communicative and intersubjective processes present in a box of CrossFit - a growing sport practice in Brazil - located in Belém, Pará. From an ethnography of ten months duration, it was sought to understand the socialities produced there and their interactional dynamics, typification processes and the sharing of a common aesthetic horizon. We propose a dialogue is sought between Communication, phenomenology and ethnography, understanding that the observed social relations constitute, structurally, communicative phenomena, present in social life through typifications of values and understandings of reality.

**Keywords:** Intersubjectivity. Typification. CrossFit

### **Introdução**

Este artigo busca compreender os processos comunicativos e intersubjetivos presentes em um *box* de *CrossFit* localizado em Belém, Pará. O *CrossFit* é uma prática esportiva surgida nos Estados Unidos por volta do ano 2000 e que vem ganhando adeptos em diversos países, particularmente no Brasil. Diferente das academias de

---

<sup>1</sup> Professor associado da Universidade Federal do Pará. Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (Naea, UFPA). E-mail: fabio.fonseca.decastro@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: rebecca.limar@gmail.com

musculação, o esporte propõe um treinamento mais intenso, em torno do qual se estabelecem processos diferenciados de socialidade. Em nossa pesquisa, realizamos uma etnografia com dez meses de duração, ocorrida no ano de 2017, num *box* – assim se chama o espaço de treinamento do esporte – buscando mapear as relações sociais existentes e, assim, identificar as práticas socioculturais e sociocomunicativas ali presentes.

Buscamos perceber as socialidades produzidas em torno dessa prática esportiva observando, centralmente, sua dinâmica interacional e os processos de tipificação (SCHUTZ, 2012) que ali se produzem enquanto experiência de uma sensibilidade comum (MAFFESOLI, 2010). Centramos nossa discussão na compreensão de que as relações sociais observadas constituem, estruturalmente, fenômenos comunicativos, presentes na vida social por meio de tipificações de valores e de compreensões da realidade.

A investigação foi realizada por dois pesquisadores. O primeiro deles conviveu continuamente, durante os dez meses da etnografia, com o *box* de *CrossFit* e com os interlocutores. O segundo, visitou-o esporadicamente, participando da coleta de dados periféricos e da interlocução em processo, bem como da análise e reflexão posteriores. Nenhum dos dois pesquisadores era ou é praticante do esporte, e chegaram ao *box* por meio de conhecidos que o frequentavam, o que contribuiu para sua inserção no campo. O primeiro pesquisador frequentou-o regularmente, matriculando-se na instituição e participando dos treinos três vezes por semana durante seis meses, no horário noturno – geralmente entre as 19 e 22 horas – processo que teve de ser abandonado após uma lesão física, ocorrida durante o treinamento. Não obstante, continuou frequentando o *box* nos quatro meses seguintes e, em todo o período, participou das diversas atividades sociais promovidas pela instituição, cabendo considerar que os *boxes* de *CrossFit* costumam promover atividades de integração social entre seus frequentadores – torneios, competições internas, competições com outros *boxes*, exercícios coletivos na rua e cafés da manhã. O segundo pesquisador não participou dessa ação imersiva em campo, mas contribuiu com as ações acima descritas, vivenciando a etnografia reflexivamente, aportando, ainda, o debate com outras narrativas etnográficas e teóricas.

Os procedimentos etnográficos adotados partiram da perspectiva da observação participante: a presença, envolvimento e diálogo constante com os frequentadores do espaço, estando sempre evidente, para todos, a motivação investigativa e científica de

nossa presença no campo. Essa convivência e as interações quotidianas nela ocorridas não foram registradas em com dispositivos audiovisuais, apenas descritas e refletidas em diários de campo. Não obstante, realizamos entrevistas semidirecionadas com alguns interlocutores e essas entrevistas foram registradas com apoio de gravador digital portátil, em ato de gravação negociado com os interlocutores e devidamente por eles autorizado. Todas as entrevistas foram realizadas no ambiente do *box* e antes do treino. A seleção dos interlocutores convidados para as entrevistas semidirecionadas deu-se a partir de dois critérios: sua experiência e envolvimento com o esporte e a antiguidade de seu vínculo com o *box*. Essas entrevistas, em número de doze, tiveram um papel complementar no trabalho, servindo para que pudéssemos explorar melhor os dados obtidos durante a observação participante.

Motivou-nos, desde o início do trabalho, a reflexão sobre a dimensão comunicativa presente nas interações sociais ocorridas no espaço dedicado às práticas esportivas. Em nossa perspectiva, as noções de tipificação e intersubjetividade, pensadas por Schutz (2012), e de estética, sob a perspectiva de Maffesoli (2010), constituem um referencial teórico instigante para interpretar os fenômenos comunicativos em geral e, particularmente, em espaços marcados por uma pactuação social em torno da prática desportiva. Essa abordagem compreende a comunicação como o fenômeno estruturante das mediações culturais da vida social, razão pela qual optamos por focar, nossa observação, nos processos intersubjetivos, com interpretação etnográfica. O foco nos processos intersubjetivos foi estruturado a partir de Freitas (2017), Castro (2017a; 2017b; 2015) e Castro e Castro (2017), com sua comum proposição de utilizar a fenomenologia de Schutz no estudo etnográfico das práticas comunicacionais e esportivas, assim promovendo um diálogo entre Esporte, Comunicação e Antropologia.

Por meio dessa abordagem buscamos interpretar os dados coletados, compreender as dinâmicas comunicacionais presentes nas interações sociais e perceber como elas possuem uma dimensão intersubjetiva, que transcende o imediatamente vivenciado (CASTRO *et al.*, 2016). Essa dimensão, a intersubjetiva, seria,

[...] uma dimensão temporal, marcada pela experiência coletiva, que permite, aos sujeitos, o acesso a uma reserva de vivências, pressupostos e dúvidas, um tecido social que vai sendo *tipificado*, conformando reservas de tipos ideais acessados na vida quotidiana (CASTRO *et al.*, 2016, p. 100).

Compreendendo os processos intersubjetivos como dinâmicas sociais, buscamos compreender as vivências dos indivíduos com os quais interagimos nesses dez meses de pesquisa e perceber as suas reservas de experiências e tipificações.

Na construção do referencial reflexivo, cabe observar que a relação entre esporte e comunicação vem sendo abordada com maior frequência na bibliografia brasileira, por exemplo, em Venturini e outros (2020), Boepple e outros (2016), Tiggemann e outros (2015), Homan e outros (2012). Em nossa abordagem, destacamos a dimensão da comunicação enquanto interação social, assim explorando as tipificações e as sensibilidades presentes nesse processo. Cabe também destacar o uso crescente da abordagem etnográfica na investigação das práticas desportivas, por exemplo, em Green (2015), Sabino e Luz (2014), Spencer (2014), Jesus e Votre (2012), Cohen (2009), Woodward (2008), Spinney (2006), Hansen (2004) e Goldenberg (2002), que nos auxiliaram a construir nossa abordagem.

Como dissemos acima, a prática do *CrossFit* constitui um fenômeno novo e em franca ascensão na sociedade contemporâneas, conformado um peculiar espaço de socialidade nas cidades brasileiras. Percebendo-o, procuramos dialogar com a bibliografia disponível sobre a antropologia urbana e, especificamente, sobre a temática da sociação na antropologia urbana. Nesse sentido, partimos dos estudos de Otávio Velho (1967) e de Gilberto Velho (1980, 1994, 2011), inclusive considerando a importância da fenomenologia social de Schutz para o pensamento desses autores. Temos em mente, a esse respeito, particularmente a revisão que o próprio Gilberto Velho fez do campo e da trajetória da antropologia urbana na revista *Mana* (2011) e os desdobramentos desse olhar antropológico nas gerações que se seguiram.

A perspectiva etnográfica, associada à fenomenologia social, assim, são vistas por nós como um instrumento estratégico para compreender o que é a comunicação. Magnani (2009), compreende a etnografia como,

uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um novo modelo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Nesse horizonte, a etnografia se fez necessária, em nossa pesquisa, a partir da compreensão de que, comunicacionalmente, necessita-se da presença do pesquisador

no ambiente do fenômeno investigado. Neste ambiente é inevitável que o investigador seja “afetado” (GOLDMAN, 2003), dada a sua interação com seus interlocutores. Entretanto, busca-se não apenas que se assimile o que será investigado, mas que se perceba seu significado a fim de descrevê-los em termos interpretativos.

Essas apreensões, apesar de confrontadas com o referencial teórico proposto, por se tratar de um método antropológico, inevitavelmente, submetem-se ao sistema de valores do pesquisador. Essa experiência tem como condição o pressuposto de que ambos, pesquisador e sujeito social observado, participam de um mesmo plano. Conforme observou Magnani (2009), ambos são dotados dos mesmos processos cognitivos que lhes permitem, numa instância mais profunda, uma comunhão para além das diferenças culturais. Assinalando que não são somente os detalhes que caracterizam a etnografia, mas a atenção dada a eles; uma vez que esses fragmentos de observações podem agregar-se de modo a permitir um novo entendimento sobre o que se investiga.

Pensando nesse método, foi necessária uma inserção no campo dos interlocutores. Para, desta forma, viver o cotidiano do grupo observado. Não somente interagir com eles, mas treinar com eles. Mateus (2015) entende que o método etnográfico em comunicação

consiste, antes de mais, num estudo monográfico escrito por alguém que dedicou uma parte considerável do seu tempo a observar (de forma participante), descrever, anotar e examinar um objeto de estudo empírico ou comunidade comunicativa (MATEUS, 2015, p. 85).

Nesse sentido, o momento do treino, tal como outros fenômenos percebidos no *box*, necessita de uma postura metodológica interpretativa, ao invés de uma abordagem explicativa, pois:

[...] o pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. [...] seu papel fundamental é interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final – seu texto – é fruto de muitas vozes. Das vozes nativas, das vozes dos autores com quem dialoga e da sua própria voz (TRAVANCAS, 2010, p. 12).

Foi com esse horizonte compreensivo que realizamos nosso campo etnográfico. No tópico seguinte sintetizamos a prática social observada, o *CrossFit*, ao mesmo tempo em que explicitamos o campo de observação. Em seguida descrevemos os resultados da observação e concluímos com uma síntese propositiva das formas sociais presente nesse esporte, descrevendo-as como processos intersubjetivos e estéticos

### **Contextos da observação realizada: o Box de Crossfit**

O *CrossFit* é uma prática esportiva elaborada por Greg Glassman, técnico esportivo residente na Califórnia, que a patenteou no ano 2000, tornando-a propriedade da empresa *CrossFit Inc.* É um esporte que possui um modelo de treinamento e condicionamento físico que visa a trabalhar o corpo de forma dinâmica (GLASSMAN, 2014), na qual se exige um trabalho muscular integral – e não específico, como em outros modelos de treinamento. Na musculação, por exemplo, o treino é formado por movimentos isolados e com sessões prolongadas, visando, em cada dia, o fortalecimento de alguma região do corpo, como abdômen, membros superiores ou inferiores. Já no *CrossFit*, vários domínios são combinados em um único dia de treino, enquadrando-se em categorias como potência, velocidade, resistência muscular, resistência cardiovascular, força, coordenação, agilidade, equilíbrio e precisão.

Esses domínios são buscados através de movimentos constantemente variados e de alta intensidade. A cada dia de treino busca-se agregar alguns desses domínios através de exercícios simples, como correr, pular, levantar pesos, fazer movimentos que exijam equilíbrio, precisão ou coordenação, no qual todos os exercícios tenham o máximo de intensidade que o praticante conseguir alcançar naquele dia. Essa intensidade pode se dar pela máxima carga de peso que cada um conseguir suportar ou pelo número máximo de repetições de cada movimento. Correr, por exemplo, deve ser um exercício onde se busque percorrer a maior distância no tempo determinado. Porém, não basta buscar o número máximo de repetições de levantamento de peso, ou o maior percurso percorrido em uma corrida, ou suportar uma grande carga de peso sobre os ombros. Seja qual for o exercício, há uma técnica para a execução dos movimentos. Portanto, o domínio da técnica é fundamental no *CrossFit*, de maneira que cada exercício requer uma técnica distinta, seja de agachamento, salto, levantamento de peso e até mesmo respiração. A técnica garante maior aproveitamento do exercício e previne possíveis lesões físicas. Dentro de um *box* de *CrossFit*, o responsável por ensinar essas técnicas de execução de movimentos é o treinador, *coach*.

O tipo de treinamento utilizado pelo esporte se assemelha aos utilizados por militares, bombeiros e atletas de alto rendimento. Segundo o *Guia de Treinamento CrossFit* (GLASSMAN, 2014), uma espécie de manual do esporte, o *CrossFit* é o “esporte do condicionamento físico”. Baseado em um programa de força e condicionamento que busca otimizar a competência física em cada um dos dez

domínios de condicionamento físico reconhecidos, citados acima. O *CrossFit*, de acordo com seu fundador, busca a pluralidade e não apenas benefícios físicos, mas também uma mudança de hábito. De acordo com Glassman, o *CrossFit* intenciona que os alunos passem por uma experiência diferente e que cause um impacto capaz de alterar seus estilos de vida, através de uma evolução física, cardiorrespiratória e mental.

A prática tem se tornado bem conhecida, recentemente, nas cidades brasileiras e isso tem levado ao aumento do número de alunos, treinadores e *boxes* – o espaço de treinamento. No início da pesquisa havia apenas cinco *boxes* afiliados no Pará. Ao final da pesquisa de campo, contavam-se 18 *boxes* – dos quais 10 em Belém e os demais em diversas cidades do interior do estado, inclusive em cidades pequenas, como São Miguel do Guamá – o que indica uma forte tendência de crescimento e, provavelmente, um novo fenômeno de socialidades esportivas.

O *Box* que selecionamos para nossa pesquisa localiza-se num município da região metropolitana de Belém. Foi criado em novembro de 2015 e sempre funcionou contando com a certificação de seus treinadores e afiliação à empresa americana *CrossFit Inc.* Observe-se que o uso da denominação *CrossFit* exige que os *boxes* sejam afiliados à *CrossFit Inc.*, o que pretende garantir o controle de qualidade do esporte, centrado na aquisição de equipamentos certificados e na obrigatoriedade de que os profissionais que ministrarão os treinos sejam devidamente instruídos e capacitados. Cabe dizer que os estabelecimentos não filiados, que são inúmeros no estado do Pará, oferecem serviços de “cross treino”, “treino funcional”, entre outros, sendo alcunhados de “*boxes* pirata” pelos alunos dos espaços devidamente certificados.

No espaço observado os *coaches* são devidamente certificados pela empresa norte-americana. O *staff* do *box* conta com dois *coaches*, um deles sócio da empresa e que ocupa a função de *head-coach*, com um segundo sócio que desempenha funções administrativas embora também seja praticante do esporte e competidor e dois outros funcionários, responsáveis por questões burocráticas, como realização de matrículas e gerenciamento da cobrança das mensalidades, limpeza do espaço e pelo auxílio aos alunos durante os treinos.

À época da pesquisa, o *Box* contava com cerca de 150 alunos e funcionava durante o dia e a noite, até por volta da meia-noite, fechando apenas aos domingos. O valor das mensalidades variava de acordo com o número de treinos por semana. O plano básico, de três treinos semanais, custava R\$ 260,00 para as inscrições para o

período de um mês, com descontos no caso de matrículas para períodos maiores – podendo chegar a R\$ 180,00 mensais, para que se matriculasse por doze meses. O plano de 20 treinos mensais, cinco por semana, custava R\$ 315,00/mês ou R\$ 210,00, para as inscrições anuais.

A estrutura do *box* segue o padrão universal desse esporte: um grande galpão, sem sistema de refrigeração, no qual são abrigados todos os instrumentos para a prática – alguns em cima de prateleiras, mas a maioria disposta ao chão. Entre eles, há cordas navais, cordas de pular, caixas de madeira para saltar sobre barras de ferro, bolas, bicicletas ergométricas, aparelhos de remo, *dumbbells*, *kettlebells*, entre outros.

Os *boxes* de *CrossFit* possuem aspecto distinto das tradicionais academias de musculação. Eles têm pé direito demasiadamente alto, exigido pela necessidade de amarrar uma corda ao teto, cuja subida com a utilização da força dos braços e pernas, que caracteriza um dos exercícios dos realizados no *CrossFit*. Outra diferença em relação às academias de musculação é que os *boxes* não possuem espelhos nas paredes, pois, segundo explicação do *coach* Mayk, durante os exercícios, ao se olharem no espelho para verificar a execução de seus movimentos, os alunos acabam por se desconcentrar. Além disso, os domínios do esporte, segundo Mayk, buscam a “consciência corporal”, que “é o conhecimento e o domínio que se tem sobre o próprio corpo, sabendo suas possibilidades e limites”.

O *box CrossFit Strict* possui uma área total de 260m<sup>2</sup> e possui as cores cinza, azul e laranja. Não há muito comprometimento com a estética visual do espaço físico e a disposição do interior do espaço foi pensada para ser funcional. O piso é coberto por uma borracha preta, que amortece o impacto, principalmente, das barras de ferro que caem ao chão durante os exercícios.

Além dos equipamentos e utensílios para os exercícios, há um quadro onde são anotados diariamente os rendimentos de todos os alunos que foram ao treino – quantos quilos carregaram, quantas repetições fizeram. A esse rendimento, seja de carga sejam de repetições de cada exercício, chamam de *score*.

Esse quadro branco é dividido pelos horários das turmas, através de quadrados, cada um dos quais correspondendo a uma turma e onde são anotados os nomes dos alunos presentes nos respectivos horários. Nesse quadro, também é anotado cada treino do dia, com a descrição de quantas repetições deverá ter cada exercício, quanto tempo terá cada exercício, quanto tempo haverá de descanso entre os exercícios e demais detalhes. Acima do quadro, há o relógio, que funciona por controle remoto e

faz a contagem do tempo de forma progressiva ou regressiva, de acordo com a exigência do treino. Ao final de cada dia, tudo que foi escrito no quadro é apagado; ficando assim limpo para o próximo dia.

Além de informar os horários e turmas, o quadro também é usado constantemente pelos alunos como forma de chacota e desafio aos demais – através de fotos que indicam o menor peso ou tempo individual, os alunos mostram que superaram o desempenho de algum outro aluno. Geralmente o mais vaidoso. Essas fotos são compartilhadas no grupo composto por todos os alunos do *box* no aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Os praticantes de *CrossFit* são chamados de *crossfitters* e o treino realizado por eles é denominado WOD (*workout of the day*, treino do dia). O WOD reúne uma série de exercícios e movimentos diferentes. Cada WOD do *CrossFit Strict* é estruturado pelo *head coach* e é válido para todas as turmas de um mesmo dia, de forma que cada dia da semana possui um WOD distinto, que combina o fortalecimento de diferentes áreas do corpo e diferentes técnicas de domínio corporal.

As relações sociais presentes no *Box*, em geral, e no treinamento, em particular, são cordiais e cooperativas, mesmo havendo um processo permanente de disputa entre os participantes. A formal social do esporte não oblitera, como indica Simmel (1983) o conflito, sendo constituída, efetivamente, como conflito, em torno do qual se intensificam as relações sociais. Na mesma linha de pensamento, Norbert Elias (1994) e Elias e Dunning (1992) indicam que a esfera do lazer desempenha a função social de produzir tensões que se conformam como excitações agradáveis que permitem, aos indivíduos, darem vazão às suas emoções e que ainda lhes servem de exercício de autocontrole.

Levando isso em consideração, passamos a uma descrição sintética da nossa etnografia, concentrando-a nos aspectos comunicativos e intersubjetivos percebidos.

### **Etnografando um box de CrossFit**

Desenvolvemos nossa etnografia objetivando compreender a prática do *CrossFit* em suas dimensões comunicativas e intersubjetivas (SCHUTZ, 2012). Para fazê-lo, identificamos as tipificações (SCHUTZ, 2012) presentes no box. Entendemos por tipificação os padrões – comportamentais, verbais, narrativos, ideográficos, ideológicos – presentes nas interações sociais ali produzidas. Compreendendo que as tipificações se tornam possíveis por meio do fenômeno da intersubjetividade

(SCHUTZ, 2012) e que se materializam enquanto processos comunicacionais, buscamos qualificar, nossa compreensão, com apoio do conceito de estética – entendida como ética, como idealização de um padrão de comportamento, inclusive de gosto (MAFFESOLI, 2010). Com esses dispositivos de compreensão é que adentramos no mundo do *CrossFit*.

Destacamos, desde já, algumas tipificações que se mostraram particularmente importantes, na sua partilha e na adesão dos diversos indivíduos a elas: a percepção da necessidade de partilhar informações sobre o *CrossFit* e demarcar a sua prática, a disposição para a fluidez comunicativa interna ao grupo, a tentativa de demarcar as fronteiras do esporte em relação a outras práticas similares, a presença de um discurso sobre confiança e autoestima, algumas práticas e formas de empoderamento pessoal e social, o tema autossuperação, certo horizonte espiritual associado à dedicação e à referida autossuperação, o elogio da dor e uma disposição estoica em superar as interposições físicas da prática. Todas essas tipificações se produziam num contexto intersubjetivo e comunicacional e, também produziam padrões – igualmente tipificados – de uma ética/estética do estar-junto (MAFFESOLI, 2010), de partilha do horizonte de sentidos presentes no box.

Neste tópico explicitamos como essas tipificações se fizeram presentes em nossa experiência etnográfica para, no tópico seguinte, discuti-las à luz desses referenciais.

Cabe considerar, por necessário, que nossa entrada nesse universo foi precedida, naturalmente, pelo diálogo com a bibliografia etnográfica disponível. Sendo naturais da cidade onde se deu a observação, mas não praticantes regulares de esportes, aguardávamos vivenciar o padrão de estranhamento descritos por Green (2015), Spencer (2013), Cohen (2009) e Woodward (2008), autores que ressaltaram experiências concorrenciais e conflitivas na sua introdução etnográfica em campos caracterizados por práticas desportivas tidas e autoconsideradas como “de alto impacto” – como é o caso do *CrossFit*. Não obstante, essa introdução no campo e a mediação inicial com o ambiente e os interlocutores foi facilitada pelo fato de termos conhecidos no *box*. De todo modo, percebemos um ambiente bastante propenso à comunicação, à comutação de informações e à explicação e explicitação dos processos desportivos ali presentes. A grande maioria dos interlocutores se dispunha, de boa vontade – e mesmo procurava construir oportunidades – para diálogo a respeito da prática. Assim, diferentemente das etnografias dos referidos autores, que descreveram ambientes de menor receptividade e de baixo padrão de comunicação interna – e

mesmo pautados pelo segredo a respeito de técnicas – encontramos um espaço de efetiva publicização de métodos, valores e princípios. Nossa estranheza em campo, pode-se dizer, foi mesmo a estranheza em relação a esse padrão de fluidez comunicacional e de abertura para a interação.

A esse propósito, podemos evocar a ideia de uma socialidade marcada pela disposição para a fluidez – apesar dos evidentes imperativos de diferença social, inclusive ideológica e política que se faziam presentes no espaço. Fluidez, nesse sentido, entendida como disposição para a afirmação positiva da prática do *CrossFit* e para a sedução e envolvimento dos novos praticantes ou interagentes.

Essa fluidez comunicativa tem, no entanto, igualmente, o objetivo de destacar as exigências e os rígidos limites do *CrossFit*, que distingue-se, nesse sentido, de outras práticas esportivas marcadas pela flexibilidade, como por exemplo, descrevem Jesus e Votre (2012), a respeito do basquete de rua praticado no Rio de Janeiro. Na etnografia realizada por estes autores percebe-se como as dificuldades relacionadas à infraestrutura e equipamento para esse esporte reorientam as condutas e mesmo as normatividades do mesmo, permitindo ajustes e adaptações às necessidades experimentadas por seus praticantes.

No caso do *CrossFit*, há grande preocupação, presente em todos os nossos interlocutores – ainda que, naturalmente, mais efetiva nos profissionais do esporte e nos gestores do espaço – para que a prática seja controlada de acordo com os limites interpostos pela *CrossFit Inc*, a empresa reguladora da modalidade, que acima referimos. Há uma motivação econômica por trás disso e a facilidade de comunicação observada no *box* decorre, provavelmente, dessa motivação.

Outro aspecto comunicacional demarcador das socialidades presentes no *box* é a presença de um discurso sobre confiança e autoestima. O elogio da autossuperação, presente em diversas práticas desportivas e bem descrito por Wacquant (2002), em referência às práticas subjetivas presentes nas academias de boxe, é central na construção da autorreferencialidade do *CrossFit*. Trata-se de outro elemento comunicativo que produz sociação e, conseqüentemente, vínculo social, sociabilidade. Um *box* de *CrossFit* é um espaço de empoderamento, de forma muito semelhante àquela descrita por Gonçalves (2021) na sua etnografia do *pole dance*. E encontramos, também, uma proximidade ao elogio do esforço físico e da contenção, descrito por Venturini e outros (2020) em seu estudo sobre as “musas fitness”. Nestas duas autoras, o tema da autossuperação, por vezes mediado por certa perspectiva hedonista, mostra-

se uma constante. Com efeito, diversos de nossos interlocutores referiram a sensação de empoderamento produzida pelo esforço de autossuperação.

Não raramente, também referiam os efeitos subjetivos – o termo “espiritual” foi utilizado, observamos, mais de uma vez, nessa referência – produzidos pelo esforço físico intenso. Também nesse aspecto, encontramos semelhanças com a etnografia de Wacquant (2002) sobre o mundo do boxe em Chicago, particularmente no que diz respeito à “educação do espírito” por meio do esporte: um processo de construção cognitiva do controle das emoções e da disciplina corporal e moral, pelo boxeador, a partir da rotina de sacrifícios corporais exigida pelo treino.

Também aqui ressaltamos a importância, no *box* etnografado, dos processos comunicativos, tanto na troca de informação explicitando as práticas físicas, como na repetição dos comandos e das falas de incentivo e como, ainda, na produção de uma intersubjetividade que forneça, ao coletivo, instrumentos valorativos e motivadores necessários para a elaboração coletiva do *CrossFit*.

A tipificação da dor física foi outro elemento importante em nossa etnografia. É preciso separar a dimensão do esforço e dos limites físicos da dimensão da dor física. Esses diferentes processos são, inclusive, comunicados de maneira diversa. Seu tecido intersubjetivo é diferenciado e suas tipificações perfazem percursos próprios, ainda que comunicantes entre si. Em seu estudo sobre as práticas fisioculturistas, Sabino e Luz (2014) mencionam com muita especificidade a dimensão da dor física, associada à performatividade dos “marombeiros”. Palavras, vocabulário, gestos e mesmo práticas de bullying em relação aos que não alcançam os limites físicos interpostos, fazem parte do cotidiano desses indivíduos. Para eles, é necessário enunciar o evento, o advento, da dor, numa “*performance rústica, composta por gritos, palavrões e arremessos de pesos ao chão após exercícios*” (SABINO; LUZ, 2014, p. 471).

Deduzimos que, em muitas práticas desportivas de elevada exigência corporal, os limites do esforço encontram num campo ulterior de articulação, uma zona superior, ao mesmo tempo empírica e simbólica, que demanda ser enunciada, comunicada, proferida e, assim, demarcada. Compreendemos que a dor física marca essa fronteira. Em nossa pesquisa, ela também está presente, e se mostrou como um elemento que agrega valor ao, digamos assim, capital simbólico (BOURDIEU, 2013) dos membros mais antigos e experientes do grupo. Percebemos como, a partir de certo momento, com o intensificar de seu treinamento, eles enunciam sua chegada a esse nível físico demarcado pela experiência da dor. O evento produz um efeito catalizador

nos praticantes mais recentes do *CrossFit*, com efeitos de reafirmação da hierarquia interna e, por esta via, da coesão social do grupo.

Isso leva a uma percepção contígua: os efeitos sociais dos valores estoicos associados ao esporte, em geral, e ao treinamento mais rigoroso, em particular. Por meio dessa dimensão estoica, intersubjetiva, presente na comunicação insistente sobre “como deve ser” e “como deve funcionar” o *CrossFit*, nossos interlocutores organizam sua disciplina, sua dedicação aos treinos, seu vocabulário e mesmo sua vida externa ao ambiente: sua alimentação, seus horários e sua própria motivação em relação a essa prática desportiva.

Feito esse percurso, passamos para nossa reflexão sobre o papel dessas tipificações no processo de coesão, enunciação e autoprodução social da prática do *CrossFit*.

### **Elementos intersubjetivos, estéticos e tipificados**

As noções de tipificação e intersubjetividade, pensadas por Schutz (2012), e de estética<sup>3</sup>, sob a perspectiva de Maffesoli (2010), apresentam-se enquanto um referencial teórico propício para interpretar os fenômenos comunicativos percebidos durante a pesquisa de campo deste estudo.

Para pensar no que seria uma experiência estética produzida a partir da prática desse esporte, é necessário delimitar o que tratamos aqui por experiência. Neste sentido, Schutz (2012, p. 72-74) evoca a distinção de Bergson (2005) entre viver dentro do fluxo da experiência e viver dentro do mundo espaço-temporal. Nessa concepção, o fluxo da duração interna, a *durée* bergsoniana, é “um contínuo vir a ser e deixar de existir de qualidades heterogêneas”, no qual não há divisibilidade, mas apenas uma continuidade do fluxo, “uma torrente de estados de consciência” (SCHUTZ, 2012, p. 72).

Entretanto, Schutz nos alerta que o termo “estados de consciência” pode ser enganador, pois evoca fenômenos do mundo espaçotemporal com suas entidades fixas, como imagens, percepções e objetos físicos. Aquilo que nós de fato experienciamos na duração não é um ser que é discreto e bem definido, mas uma constante transição de um aqui e agora para um novo aqui e agora. O fluxo da consciência, em virtude de sua própria natureza, ainda não foi capturado pela rede da reflexão (SCHUTZ, 2012, p. 72-73)

---

<sup>3</sup> Para Maffesoli, estética é a faculdade de “sentir em comum” (MAFFESOLI, 2010, p. 28). É porque se sente em comum, ou seja, com atenção para o outro, que essa estética também se torna uma ética. Assim, Maffesoli fala em ética da estética. Isso significa a vontade (cheia de prazer) de se estar junto - sem que para isso se precise ter um motivo, ou um objetivo específico.

Portanto, a reflexão como sendo uma tomada de consciência, produzida pelo intelecto, não assimila a essência desse movimento, que é contínuo vir a ser e deixar de existir.

Segundo Schutz, ao emergirmos em nossos próprios fluxos de consciência, em nossas durações próprias, não conseguimos encontrar tipos de experiências bem definidas ou que se diferenciem, pois “em um dado momento a experiência se acende, e logo em seguida desvanece” (SCHUTZ, 2012, p. 74). Nesse decorrer, vindo do que foi vivenciado preteritamente e dando vez a algo ainda mais novo, emergem novas experiências, nas quais

Eu não consigo distinguir entre o Agora e o Antes, entre o Agora mais antigo e o que acabou de acontecer, a não ser quando consigo perceber que aquilo que acabou de ser diferente daquilo que Agora é. Isso porque eu experiencio minha duração como um fluxo unidirecional e irreversível, e percebo que entre o momento que acabou de passar e o Agora-Assim, eu envelheci. Mas eu não posso me tornar consciente disso enquanto estou imerso nesse fluxo (SCHUTZ, 2012, p. 74).

Tudo isso se passa no nosso mundo da vida cotidiana, que não é privado, mas “é um mundo intersubjetivo, compartilhado com meus semelhantes, experienciado e interpretado por outros” (SCHUTZ, 2012, p. 179). Em suma, é um mundo comum a todos nós; um ambiente comunicativo onde ocorre o processo social da partilha da experiência.

A esse respeito, Maffesoli lança a hipótese de que “há um hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda a vida em sociedade” (MAFFESOLI, 2010, p 11). Uma estrutura antropológica, de certo modo.

Nesses momentos, o que chamamos de relações sociais, as da vida corrente, das instituições, do trabalho, do lazer, não são mais regidas unicamente por instâncias transcendentais, a priori e mecânicas; do mesmo modo não são mais orientadas por um objetivo a atingir [...]. Ao contrário, essas relações tornam-se relações animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia a dia, de um modo orgânico; além disso, elas tornam a centrar-se sobre o que é da ordem da proximidade. Em suma, o laço social torna-se emocional. Assim, elabora-se um modo de ser (ethos) onde o que é experimentado com outros, será primordial. É isso que designarei pela expressão: “ética da estética” (MAFFESOLI, 2010, p. 11).

Estar relacionado a Outro em um ambiente comum e unir-se a ele em uma comunidade de pessoas são dois eventos inseparáveis para Schutz, já que “não poderíamos ser pessoas para outros, nem mesmo para nós mesmos, se não pudessemos encontrar um ambiente comum como contrapartida da interconexão

intencional de nossas vidas conscientes” (SCHUTZ, 2012, p. 181). Esse ambiente comum se estabelece por meio do fato de que os sujeitos se motivam reciprocamente em suas atividades “espirituais”. Assim, surgem relações de entendimento mútuo (*Wechselverständnis*) e consenso (*Einverständnis*), ou seja, por meio de um *ambiente comunicativo compartilhado*.

Por sua vez, os sujeitos participantes desse ambiente comunicativo são dados uns aos outros não como objetos, mas como contrassujeitos, em uma comunidade societária de pessoas. Decididamente, a estética (*aisthesis*), o sentir comum, parece ser o melhor meio de denominar o "consenso" que se elabora, o dos sentimentos compartilhados. Parece, de fato, que uma estética descompartmentada permite compreender esse estar junto desordenado, e versátil. Para Maffesoli, a vida cotidiana constrói-se em torno da produção e da partilha de objetos simples.

O objeto cotidiano só nos interessa aqui porque é uma modulação da forma. Ora, sabe-se que a forma partilhada funda sociedade, que tem uma função erótica, se entendemos essa palavra no seu sentido mais simples: o que leva à agregação. [...] É assim que se pode compreender Nietzsche quando declara: ‘É só enquanto fenômeno estético que a existência e o mundo eternamente justificam-se’ (MAFFESOLI, 2010, p. 131).

Indo um pouco além, o autor emite a hipótese de que a sensibilidade coletiva é, de um certo modo, o lençol freático de toda vida social. Essa abordagem compreende a comunicação como o fenômeno estruturante das mediações culturais da vida social, por esse motivo a necessidade desta pesquisa se faz investigá-lo a partir de experiências comunicativas que lidam com saberes e sensibilidades compartilhadas, a fim de buscar interpretá-las.

Através dessas experiências relacionais é possível investigar as dimensões sensíveis e intersubjetivas de práticas sociais e de seus desdobramentos na vida em sociedade. Esse querer estar junto, sem finalidade, apresenta-se no *box* de inúmeras maneiras, tomando diversas formas. Além do próprio momento do treino, quando o esforço individual e coletivo constitui uma dimensão estética, o próprio corpo, as roupas, as marcas, os códigos de sociabilidade são meios de comunicação que produzem esse sentir coletivo.

Durante a pesquisa de campo, era muito comum os alunos frequentarem o *box* para *não* treinar. Com frequência, notávamos que alguns alunos iam ao *box* após o trabalho ou estudo, apenas para estar ali, fosse conversando ou assistindo a outros alunos realizarem seus treinos. Muitas vezes, o único tempo que possuíam para ir ao

*box*, já era no final da noite, em horário próximo ao fechamento. Mesmo assim, iam. Havia também alguns que estavam temporariamente suspensos dos treinos, geralmente por lesões ou algum tipo de recuperação física e que, nessas condições, também não deixavam de frequentar o espaço, mesmo sem intenção de treinar.

Notamos que o prazer em “viver o *CrossFit*” estava para além de realizar os treinos, encontrando-se também no prazer em saber qual WOD – o plano de treino – estava sendo realizado aquele dia, qual técnica estava sendo ensinada, em saber quais colegas estavam treinando e em saber quais os resultados (que ficam anotados no quadro) que os outros alunos haviam obtido naquele dia.

Frequentar o *box* não significa, para aquele grupo, apenas realizar um treino. Mas comungar de várias práticas que, exaustivas, sacrificantes ou conflituosas, são prazerosas. E, igualmente, de registrar esse convívio e essas informações nas redes sociais. Por exemplo, acompanhamos os registros de uma dessas alunas, afastada do treino em função de lesões físicas, no Facebook. A aluna relata sua alegria em estar ali de volta, mesmo sofrendo as brincadeiras dos outros alunos em relação ao fato de não estar treinando. No que concorda outra aluna, ao me relatar que “Momentos com os amigos é assim: todos sofrendo juntos. Só viciado em *CrossFit*”.

Nas relações estabelecidas a partir da prática do *CrossFit*, pudemos perceber o poder da emoção na constituição social. O que, segundo Maffesoli, agrega os indivíduos em uma “nebulosa afetiva” cuja “paixão operante” faz reviver a graça do sentir em comum.

Essa paixão operante e sua nebulosa afetiva se compõem atuando no jogo das formas sociais: o estético, o religioso, o ético, a paixão, o trabalho etc. Representações da cultura, formas sociais (Simmel, 2006) que são alimentadas por um vitalismo<sup>4</sup>, que é próprio da vida comunal. Nelas, o corpo é envolvido por uma dimensão estético-afetiva capaz de criar novas formas de sociabilidade e de subjetividades. O que abre a oportunidade para avançar a discussão, explicitando a conceituação de formas e conteúdos sociais, tratados por Simmel (2006). Afinal, essa ética da estética constitui, justamente, o que Simmel (2006) chama de *sociação*, processo por meio do qual experimentar algo junto constitui um fator de socialização.

experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente,  
comungar dos mesmos valores, perder-se, numa teatralidade geral,

---

<sup>4</sup> Deve ser compreendido como expressão do movimento dinâmico de um sistema que dispõem em relação múltiplas forças sociais.

permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas fazer sentido (MAFFESOLI, 1999, p. 163).

Segundo Simmel, é possível diferenciar, em cada sociedade, forma e conteúdo. Para o autor, a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p. 59).

Dessa forma, Simmel conceitua como sociação como

a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados-, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideias, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Trata-se simultaneamente de conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos como impulso, interesse e finalidade: a sociabilidade. Sendo a sociabilidade sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado.

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 63).

Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade. Posto que, para a sociabilidade, colocam-se de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida.

Logo, o *box* é um espaço que agrega pessoas em torno de uma prática (sociação) e onde, em seguida, essas pessoas se envolvem de maneira mais direta e pessoal (a sociabilidade), mesmo que através de relações baseadas na concorrência ou em

dinâmicas intersubjetivas. Portanto, compreender a estética se mostra completamente inalcançável sem a sociação.

Num ambiente onde o prazer comungado e o jogo das formas conformam uma microsociedade, isso faz apelo a um conhecimento mais aberto, ao qual Maffesoli denomina de razão sensível. É assim que, num movimento circular sem fim, a ética, o que agrega o grupo, torna-se estética, emoção, comum e vice-versa.

Inserimos aqui o relato de um interlocutor que, a nosso ver, ilustra essa questão:

O CrossFit é loucura sim, aliás, ousar dizer que CrossFit é insanidade total. É suor e, também sangue, mas no CrossFit diferente do que a maioria imagina, você não precisa ser forte, muito menos o mais sarado, e existe respeito ao seu limite, e respeito em quem você é... No CrossFit temos baques, tem mão aberta (que exibimos com orgulho) só para nos lembrar que da próxima vez devemos continuar tentando... CrossFit é insistência, persistência, exaustão e amor. Sim, porque sem amor o que um bando de malucos estaria fazendo ali? Um box de CrossFit pode ser apenas um *box* ou pode ser o ponto de encontro de pessoas que se conhecem na confusão do WOD, na superação de medos, e nas vitórias, e assim unidas pela vontade de ali estar, melhorar e se superar... CrossFit é ajuda, incentivo, mão amiga, sangue nos olhos, e muita interação! CrossFit também é respeito por você e pelo outro!

Para compreender as formas de vida social, através de manifestações estéticas, faz-se necessário uma visão do mundo que privilegie perceber a sociedade envolvida por parâmetros “afetivos”, portanto. Alicerçados, por exemplo, pelos sentimentos de comunidade e solidariedade, de acordo com o exemplo acima. Essa vitalidade faz emergir o social através do fazer e/ou sentir em comum, que “impele em direção ao outro” envolvendo a todos em um fluxo afetivo que se representa pela ideia da “solidariedade de base”, ou seja, por um sentido de agregação que valoriza a comunidade. Ficando entendido, com isso, que para além das atitudes individuais, através das quais se exprime essa estética, também está em jogo o conjunto dos indivíduos.

De acordo com o autor, a solidariedade de base reafirma o *ethos* do viver comum, agregando os indivíduos pela vontade de “ligação” instaurada pelo simples fato de estarem-juntos. Esse sentimento de agregação, esse compartilhar, acentua o caráter ético da emoção estética, como assinala Maffesoli. Ele faz com que o pertencimento aos grupos, ou às “tribos”, se transformem no “cimento”, uma “argamassa” que sustenta a vida social. Portanto, essa argamassa que fundamenta a comunidade também está apoiada por elementos objetivos. Os principais elementos objetivos, percebidos em campo, que legitimam a relação com o outro, se encontram

na disputa (que será abordada por um viés estético e conflituoso no próximo tópico) e nas tipificações, que também possuem uma dimensão intersubjetiva.

Essa dimensão, a intersubjetividade, seria,

[...] uma dimensão temporal, marcada pela experiência coletiva, que permite, aos sujeitos, o acesso a uma reserva de vivências, pressupostos e dúvidas, um tecido social que vai sendo tipificado, conformando reservas de tipos ideais acessados na vida cotidiana (CASTRO et al, 2016, p. 100).

Ou seja, um processo social de partilha da experiência – justamente aquilo que procuramos compreender, em relação à prática do *CrossFit*: a maneira como se produzem tipificações socialmente partilhadas e a forma que essas tipificações tomam durante o momento dos treinos. Com efeito, a noção de tipificação é fundamental para a pesquisa realizada. Em Schutz,

aquilo que é vivenciado como novo já é conhecido no sentido de que remete a coisas iguais ou parecidas que já foram percebidas antes. Aquilo que já foi apreendido uma vez traz consigo um horizonte de experiências possíveis, com referências de familiaridade correspondentes, isto é, uma série de características típicas que ainda não foram vivenciadas, mas que o podem ser potencialmente (SCHUTZ, 2012, p. 139).

Em outros termos, o que foi experienciado na percepção de um objeto é transferido para qualquer outro objeto similar, percebido apenas enquanto seu tipo. Assinala o autor que a linguagem utilizada na vida cotidiana é primariamente uma linguagem de coisas e eventos nomeados. Ele defende que qualquer nome inclui uma tipificação e, nos termos de Husserl (2002), consiste em uma generalização empírica não essencial.

De forma que, ao nomear um objeto experienciado, nós o estamos vinculando, em virtude de seu “caráter típico”, a coisas já vivenciadas que possuem uma estrutura típica similar, “e aceitamos esse horizonte aberto que se refere a experiências futuras do mesmo tipo, as quais pode ser atribuído o mesmo nome” (SCHUTZ, 2012, p. 131).

Mas há também o que o autor trata como “autotipificações”, que ocorre quando tipificamos, em alguma extensão, nossa própria situação dentro do mundo social, tal como as relações que temos com nossos semelhantes e com os objetos culturais.

As tipificações, no espaço do *box*, se apresentam, sobretudo, nas materialidades que envolvem o treino. Nas roupas, nas marcas, nos acessórios que caracterizam um *crossfitter*. Uma das maiores tipificações de um praticante de *CrossFit*,

indubitavelmente, está nos calos adquiridos nas mãos, exibidos com orgulho, conforme relato anterior.

Esses calos, adquiridos pela fricção da mão nas barras de ferro, possuem um valor simbólico para os praticantes. Além de uma caracterização desse “estilo de vida” adotado, também simboliza o esforço, o sacrifício envolvido no momento do treino e a insistência para alcançar o melhor desempenho de uma técnica.

Junto a esses esforços físicos, a maioria dos praticantes demonstrou que alguns acessórios são essenciais para o melhor desempenho nos treinos e em suas performances. Esses acessórios, roupas e tênis, possuem uma marca preferida: a Reebok. Que possui os direitos autorais sobre os produtos para a prática do *CrossFit*. Por esse motivo, também se faz orgulho dos praticantes usar roupas e acessórios dessa marca, ainda que haja outras, que oferecem o mesmo tipo de produtos.

Um desses elementos tipificados de maior prestígio pelos alunos do *box*, é o tênis da Reebok próprio para a prática do *CrossFit*: o Reebok Nano. A cada ano, o modelo desse tênis é modificado, possuindo melhorias anatômicas, funcionais e também novas cores, além de um novo design.

Os tênis, mais do que as roupas, parecem definir um praticante de *CrossFit* naquele *Box*. Percebemos que nem todos treinam, necessariamente, com roupas esportivas. Porém, a maioria faz questão de ter um tênis Reebok. Quando um aluno já possui alguns meses de treino e ainda não comprou o seu, chega a ser questionado. Nesse sentido, chamou-nos atenção uma mensagem enviada em rede social, ironizando a escolha de um tênis de outra marca feita por um colega.

Acontece que o aluno acima indagado, além de praticar *CrossFit*, também pratica outras atividades físicas, sendo sua preferida a corrida. Evidentemente o aluno possui um sistema de relevância diferente da maioria dos outros alunos do *box*. Essa questão é discutida por Schutz enquanto um aspecto da definição privada de pertencimento ao grupo.

Um corolário disso é a atitude individual que um indivíduo escolhe adotar em relação ao papel social que ele deve desempenhar no grupo. Uma coisa é o significado do papel social e a expectativa com relação a ele tal como definidos pelo padrão institucionalizado; outra coisa é o modo particular e subjetivo com que aquele que é incumbido desse papel define sua situação em relação a ele (SCHUTZ, 2012, p.96).

O autor assinala que o elemento mais importante na “definição da situação privada” é, no entanto, o fato de o indivíduo ser sempre, simultaneamente, um membro

de numerosos grupos sociais. Tal como demonstrou Simmel, cada indivíduo está situado na intersecção de diversos círculos sociais, e o número destes será tanto maior quanto mais diferenciada for sua personalidade individual. Isso ocorre porque aquilo que torna uma personalidade única é justamente aquilo que não pode ser partilhado com outros.

Na definição que o próprio indivíduo faz de sua situação privada, os vários papéis sociais que resultam de sua múltipla participação em diferentes grupos são experienciados como um conjunto de autotipificações que, por sua vez, são organizadas segundo uma ordem particular de domínios de relevância que, evidentemente, estão em um fluxo contínuo. É possível que essas características da personalidade do indivíduo, que para ele possuem um grau de relevância mais elevado, sejam irrelevantes do ponto de vista de qualquer sistema de relevâncias que é dado no grupo ao qual ele pertence (SCHUTZ, 2012, p. 97).

A esse respeito, é fato que muitos alunos do *box* investigado também praticam outras atividades físicas, como pilates, musculação, ciclismo e corrida. Entretanto, ainda que realizem paralelamente outras atividades físicas, é no *CrossFit* que demonstram encontrar maior prazer. Sobre esses sistemas de relevância, Schutz nos diz que os membros de um grupo externo não compartilham as mesmas “verdades autoevidentes” partilhadas pelo grupo interno. Certamente por isso o investimento financeiro de alguns não se dá da mesma forma que para a maioria.

Aquele que é de fora avalia os padrões predominantes no grupo que está sob consideração de acordo com o sistema de relevâncias que prevalece como aspecto natural no mundo ao qual ele pertence. Enquanto não existir uma fórmula que traduza os sistemas de relevâncias e tipificações predominantes no grupo considerado para os sistemas ao qual pertence o avaliador, aqueles permanecerão incompreendidos; mas frequentemente eles são considerados como inferiores e de menor valor. Esse princípio se mantém válido, mesmo que em menor grau, inclusive nas relações entre dois grupos que possuem muitas coisas em comum, isto é, em que os dois sistemas coincidem em uma extensão considerável (SCHUTZ, 2012, p. 98).

O investimento em objetos de identificação, como o tênis Reebok, antes de ser uma escolha racional ou um estratagema, constitui uma partilha, uma fusão de horizontes sociais. Essa atitude, que se inclina no sentido de pertencimento ao grupo, considera seus sistemas de relevância.

Neste quadro interativo, França (2003) afirma que “a intervenção dos sujeitos faz emergir seus mundos – partilhados ou distintos. É nos aspectos concretos da experiência da interação que se torna manifesto o mundo que cada um constrói como base de inferência e ação; por último, a compreensão comum é encarnada” (FRANÇA,

2003, p. 44). Essa compreensão é mediatizada pela construção do mundo de objetos, de um campo de visibilidade partilhado, no qual eu só posso compreender o outro – atribuir-lhe intenções – a partir da mediação de um ambiente (do mundo onde a ação se passa). O que concorda com Quéré, quando afirma que

É pela mediação deste ambiente ou deste mundo o qual a ação se dota para se completar, que a intencionalidade que estrutura a ação se torna manifesta, e que a ação pode ser relacionada a intenções e motivações de sujeitos. É assim que uma subjetividade-origem da ação pode ser construída interativamente pela mediação da construção intersubjetiva de um mundo objetivo e vice-versa (QUÉRÉ, 1991, p. 79).

Essa compreensão da comunicação enquanto atividade organizante, de construção de um mundo comum, é o viés que nos permite apreender em que medida as interações comunicativas constroem esses sujeitos – e os constroem no mundo.

É preciso enfatizar que, tal como alega Schutz, a interpretação do mundo em termos de tipos, tal como entendida aqui, não é o resultado de um processo de racionalização de uma conceituação científica isolada. O mundo tanto físico quando sociocultural, é experimentado desde o princípio em termos de tipos” (SCHUTZ, 2012, p. 133). Portanto, no nível do senso comum, as tipificações emergem na experiência cotidiana do mundo como algo evidente, sem qualquer formulação de juízos ou de proposições claras.

Ao perceber esses tipos e tipificações, os *crossfitters* daquele *box* se reconhecem em torno dos mesmos valores e se unem de modo a adensar suas relações de acordo com seus interesses e gostos compartilhados. Isso faz com que a sociação tenha sua função estética, no sentido de atração de sensibilidades.

Para Maffesoli, essa função de reconhecimento, esse efeito estético de um dado signo é um outro modo de falar do simbolismo.

Um simbolismo generalizado: num movimento sem fim de ações/retroações, reconheço um signo reconhecendo com outros, e assim reconheço o que me une a outros. [...] Essa função signo, ou a emoção coletiva em relação a um signo, pode-se exprimir graças a uma vestimenta, um hábito, um gosto... (MAFFESOLI, 2010, p. 34).

Ou seja, na base de toda representação ou de toda ação, há uma “sensibilidade coletiva” e uma “reunião extralógica” que servem de fundamento à existência social. Nesse sentido, o *Lebenswelt*, o mundo da vida é o que – os/nos – une de um modo não consciente. “É uma ética no sentido forte do termo: isto é, o que permite que a partir

de algo que é exterior a mim possa se operar um reconhecimento de mim mesmo” (MAFFESOLI, 2010, p. 33).

## **Conclusão**

Iniciamos nossa etnografia motivados pela compreensão de que a pesquisa em comunicação pode e deve buscar, nas ciências sociais, instrumentos e reflexões que auxiliem na compreensão das dimensões intersubjetivas – e, portanto, necessariamente comunicacionais – presentes na vida social. Realizar uma pesquisa numa microssociedade – o *box* de *Crossfit* – remete a uma dimensão macro: a importância das formas de socialização, seus conteúdos, finalidades, interesses, sensibilidades e afetos produzidos a partir dos elementos categorizados de acordo com os sistemas de relevância daquele grupo social. Nesse horizonte, percebe-se um hedonismo coletivo, tão comum às sociedades contemporâneas em seu “querer viver o agora”, o “momento-já” que caracteriza o uso social que fazem de seus contextos de “presente” e “contemporaneidade”.

O *CrossFit* recebe inúmeras críticas, como pudemos observar durante a pesquisa. Críticas que questionam seus excessos físicos e, de maneira indireta, suas práticas de socialidade – por muitos compreendidas, também, como “excessivas”, como certa nota de “fanatismo” – considerando o apreço e o apego que os praticantes têm pelo *box* onde treinam.

Essas tantas críticas que o esporte sofre são rebatidas pelos seus praticantes, que buscam legitimar a prática, justamente, por meio do vínculo com a ideia de grupo e de esforço em comum, bem como por meio da valorização de seus códigos estéticos – vestimentas, acessórios, corpos, narrativas, fadiga do corpo, etc. – em geral conformando uma fábula de superação, sempre alcançada pelo sacrifício, no qual as performances, têm um papel central. Elas se encontram naquele jogo de aparências (MAFFESOLI, 2010), que são repetitivos na vida corrente, em seus rituais e gestos, que se constroem na produção e partilha desses objetos.

Nessa pesquisa, não tivemos informantes, mas interlocutores, pois não buscamos, naquele grupo, respostas a hipóteses previamente formuladas – e nem sequer as formulamos de forma estrita, permitindo que o próprio campo nos conduzisse na sua compreensão. Efetivamente, buscamos partilhar daquilo que eles próprios vivem dentro do *box*, para então poder descrever essas relações a partir de

uma compreensão que possa ser calcada na aproximação da compreensão que eles têm sobre o mesmo objeto, através de percepções e sensações.

Não obstante, não partilhamos, após dez meses de campo, de uma afetividade tão elevada que nos leve a ignorar os riscos do esporte, posto que sequer uma avaliação física é realizada ou requerida no momento de matrícula no *box*. Isso nos leva a perceber que as pessoas que participam do cotidiano do esporte conhecem suas limitações físicas, basicamente, testando-as; pondo-as à prova do limite. O que impera, sem dúvidas, é esse querer estar junto, treinando, não treinando, assistindo, torcendo, machucando-se, incentivando, sendo incentivado, expondo-se, sendo desafiado, superando-se ou superando o outro. Tudo isso reitera a noção de estética e dessas sensibilidades coletivas enquanto fenômeno que fundamenta e justifica-se na vida social.

No *CrossFit*, as relações sociais, que servem para incentivar a vitória, servem também para consolar as derrotas. Da mesma forma que as afetividades compartilhadas atuam na busca pelo mesmo objetivo, também travam conflitos, demarcados pelas disputas, diante das quais mesmo a superação que se busca e se atinge é inalcançável sem a presença do outro.

## Referências

### ANONIMIZADO

BERGSON, Henri. **Essais sur les données immédiates de la conscience**. Paris: PUF, 2005.

BOEPPLE, Leah; ATA, Rheanna N.; RUM, Ruba; THOMPSON, J. Kevin. Strong is the new skinny: A content analysis of fitspiration websites. **Body Image**, n. 17, p. 132-135, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos – CEBRAP**, n. 96, pp. 105-115, 2013.

CASTRO, Fábio Fonseca de. Fenomenologia da comunicação em sua quotidianidade. **Intercom** (São Paulo). v. 36, p. 21-39, 2013.

\_\_\_\_\_. Intencionalidade, experiência banal e comunicação. Esboço de prospecção fenomenológica do cotidiano. **Logos** (Rio de Janeiro). v. 22, p. 58-70, 2015.

\_\_\_\_\_. Experiência geracional e identidade de fronteira. Representações sociais sobre o rural amazônico. **Mídia e Cotidiano** (Rio de Janeiro). v. 2, p. 135-156, 2017a.

\_\_\_\_\_. Temporalidade da comunicação na sua quotidianidade. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, M. (Org.). **Comunicação, mídias e temporalidades**. Salvador: EDUFBA, 2017b. p. 97-116.

CASTRO, Fábio Fonseca de; CASTRO, Marina Ramos Neves de; FREITAS, Aline Meriane do Carmo; COSTA, Hans Cleiton Passos da. Intersubjetividade, sensibilidade e comunicação. In: MENDONÇA, C. M. C.; DUARTE, E.; CARDOSO FILHO, J. (Org.). **Comunicação e sensibilidades: pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2016. p. 99-116.

CASTRO, Fábio Fonseca de; CASTRO, Marina Ramos Neves de. Feira, forma, dom. Assimetrias da sociação numa feira de Belém. **Cuadernos de Antropología Social**, v. 44, p. 101-113, 2017.

COHEN, Einat Bar-On. Survival, an Israeli Ju Jutsu School of Martial Arts: Violence, Body, Practice and the National. **Ethnography**, vol. 10, n. 2, p. 153–183, 2009.

HUSSERL, Edmund. **A Crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

GOMES, Gleidson Wirlen Bezerra; CASTRO, Fábio Fonseca de. A natureza comunicativa da cultura: a Festividade de Carimbó de São Benedito de Santarém Novo - Pará. **Fronteiras**, v. 18, n. 1, p. 33-43, 2016.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

FRANÇA, Vera. Quéré: dos modelos da comunicação. **Fronteiras**, v. 5, n. 2, p. 37-51, 2003.

GLASSMAN, Greg. O Guia de treinamento *CrossFit*. **CrossFit Journal** (Los Angeles). 13 jul. 2014. Disponível em: <goo.gl/7B1wew>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, Annelise Campos. O esporte pode ser um lugar de cuidado? **Esporte e Sociedade**, vol. 13, n. 32, pp. 1-19, 2021.

GREEN, Kyle David. The Allure of Mixed Martial Arts: Meaning Making, Masculinity, and Embodiment in Suburbia. Tese de doutorado em antropologia, defendida na Universidade de Minnesota, 2015.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira de**

**Ciências do Esporte**, v. 26, n. 1, p. 135-152, 2004.

HOMAN, Kristin; MCHUGH, Erin; WELLS, Daniel; WATSON, Corrinne; KING, Carolyn. The effect of viewing ultra-fit images on college women's body dissatisfaction. **Body Image**, n. 9, p. 50-56, 2012.

JESUS, Anlessa Cristine Almeida de Jesus; VOTRE, Sebastião. Basquete de rua na cidade do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 4, p. 821-1113, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 129-156, dez. 2009.

MATEUS, Samuel. A etnografia da comunicação. **ANTROPOLÓGICAS**, v. 13, p. 84-89, 2015.

QUÉRÉ, Louis. D'un modele épistemologique de la communication à un modele praxeologique. **Réseaux**, n. 46/47, mar./abr. 1991.

SABINO, Cesar; LUZ, Madel. Forma da dor e dor da forma: significado e função da dor física entre praticantes de bodybuilding em academias de musculação do Rio de Janeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 467-490, 2014.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes 2012.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPENCER, Dale C. Sensing Violence: An Ethnography of Mixed Martial Arts.

**Ethnography**, vol. 15, n; 2, pp. 232-254, 2014.

SPINNEY, Justin. A place of sense: a kinaesthetic ethnography of cyclists on Mont Ventoux, Environment and Planning. **Society and Space**, vol. 24, n. 1, pp. 709-732, 2006.

TIGGEMANN, Marika; ZACCARDO, Mia. "Exercise to be fit, not skinny": The effect of fitspiration imagery on women's body image. **Body Image**, v. 15, p. 61-67, 2015.

TRAVANCAS, Isabel A experiência etnográfica no campo da comunicação. **Anais da XXVII Reunião Brasileira de Antropologia**, Belém / Brasília: Universidade Federal do Pará / Associação Brasileira de Antropologia, 2010. p. 1-16.

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.**

Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento.

**Mana**, v. 17, n. 1, pp. 161-185, 2011.

VELHO, Octávio (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VENTURINI, Ivana Vedoin; JAEGER, Angelita Alice; OLIVEIRA, Myllena Camargo;

SILVA, Paula. Musas fitness e a tríade corpo-consumo-felicidade. **Movimento**, v. 26, e26003, pp. 1-20, 2020.

WACQUANT. Loic. **Corpo e alma.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WOODWARD, Kathg. Hanging Out and Hanging About: Insider/Outsider Research in the Sport of Boxing. *Ethnography*, vol. 9, n. 4, pp. 536–561, 2008.